Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus Unisul Virtual

Unidade de aprendizagem Virtual: Teoria do Conhecimento

Transcrição acessível da web aula, unidade 4, “Seminário- Ética na Ciência”, disponível no EVA.

Prof. Carlos Euclides Marques, Vilson Leonel, Carlos Euclides Marques.

Carlos Euclides Marques: Olá pessoal, estamos aqui para mais um evento da unisul virtual. Nosso tema e hoje é ética na ciência: olhares filosóficos. Estamos aqui eu, professor Carlos Euclides Marques, licenciado e bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em letras pela mesma universidade, também graduado em artes plásticas pela UDESC e o professor Vilson Leonel que tem mestrado em aplicação pela Unisul, graduação em filosofia e especialização em metodologia do ensino, fruto total da casa, todos na casa e o professor Luiz Henrique Milani Queriquelli, recém doutor em linguística pela Universidade Federal e Santa Catarina, graduado em Letras na área de língua portuguesa, perspectivas literárias, pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci, a Uniasselvi em 2011 e também tem uma graduação em ciências sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina, habilitação de licenciatura em 2007, mestre em estudos de tradução também pela Federal de Santa Catarina. Nós 3 somos professores que produzem material para os cursos da Unisul Virtual, com é nos casos predominantemente dos cursos de filosofia, das unidades de aprendizagem do curso de filosofia, e fazemos parte de um grupo que está revendo o conteúdo livro didático, o Eva da Unidade de Aprendizagem Teoria do Conhecimento. Nesta medida este evento servirá também depois de gravado como Web Aula para esta unidade de aprendizagem. Qual será o nosso procedimento para o evento, fazer isto aqui, uma primeira etapa para apresentação dos membros da mesa e farei uma brevíssima apresentação geral do tema, depois cada um de nós falara uns 15 minutos sobre os seus respectivos recortes, procurando sempre focar mais num olhar filosófico como é após os dois pontos: “A ética na ciência: olhares filosóficos”. Então vamos lá. Bom, ultimamente principalmente a partir da segunda metade do século passado, se tornou comum ou se tonou uma área de estudo a discussão da bioética, por exemplo. Sabemos que no campo da filosofia a ética não é de hoje, vem desde a origem da própria filosofia, mas com os avanços da ciência a partir da modernidade algumas questões novas surgiram e com o passar do tempo uma crise de uma determinada concepção ou de determinadas concepções de ciência, particularmente aquelas de vertentes moderna no mundo contemporâneo geraram questões como “Quais são os limites da ciência?” “que implicações há acerca do uso dos avanços da ciência”. Implicações que envolvem também questões étnicas, questões de gênero e questões de espécie. Algumas dessas questões é que serão debatidas aqui. Então eu passo a palavra para o nosso primeiro palestrante, da comunicação, o professor Vilson Leonel, antes disso, só fazendo uma ressalva, depois dos 3 blocos se nós tivermos alguma pergunta vocês podem enviar, nós faremos o último bloco com respostas de perguntas, caso não haja perguntas do público nós mesmos faremos um arremate final cada um. Por favor professor.

Vilson Leonel: Primeiro eu gostaria de mostrar minha satisfação de poder contar com a presença do professor Carlos nesse importante debate sobre ética na ciência e que com certeza vai iniciar os alunos que estudam essa disciplina na filosofia ou em qualquer outra disciplina em que os temas da ética são objeto de estudo, então penso que este debate vai contribuir para o aprofundamento dessas questões que relacionam a ética e a ciência. A minha fala ela vai se pautar em 3 questões que eu considero importantes para este debate e questões que possivelmente iniciam o debate, então após essas questões eu penso que é possível direcionar o debate para questões mais especificas mas penso que essas são questões de caráter mais geral. Então eu vou me propor inicialmente a falar sobre a ética na aplicação do conhecimento cientifico, em seguida a ética e o direcionamento da pesquisa científica, e por último a ética na avaliação e formulação das teorias cientificas. Bom, é usual pensarmos na ciência e na ética como disciplinas autônomas, embora no plano de vista histórico a gente sabe que a ciência é descendente da filosofa e a ética é uma das áreas mais importantes da filosofia desde a antiguidade até hoje. A ciência se ocupa na geração do conhecimento sobre o mundo, na produção do conhecimento sobre o mundo e a ética se ocupa das discussões que envolvem as ações humanas no que diz respeito sobre as repercussões sobre a felicidade sobre o bem-estar dos seres humanos e de quaisquer outros seres. Peço aqui que nessa questão se inclui também os animais. Então há ligações importantes entre essas 2 áreas do conhecimento e que têm sido investigadas tanto por filósofos da ciência quanto por filósofos que se ocupam da ética. E a primeira questão que se põe para o debate para a discussão é a seguinte: é possível cultivarmos um saber daquela concepção grega, o saber pelo saber fora do alcance de uma imputabilidade moral, ou seja, o saber pelo saber, a ciência pura, está imune as questões éticas e as questões morais. Penso que esta é uma grande questão par o nosso debate. O primeiro ponto dessa aula trata então da ética na aplicação prática do conhecimento. Sabemos que em suas origem a filosofia e a ciência buscavam o conhecimento pelo conhecimento e não as suas aplicações, nós temos o conhecimento que na antiguidade clássica a ciência era puramente contemplativa, a filosofia era o saber era o saber desligado da técnica. No entanto, aquilo que descobrimos sobre o mundo pode modificar drasticamente nossa capacidade de agir sobre o mundo e podemos tomar por exemplo uma situação muito grave. Então imaginemos a descoberta da existência de propriedades do mundo acerca por exemplo do conhecimento da física nuclear, então sabemos da existência das propriedades atômicas presente na matéria, mas podemos utilizar este conhecimento para fazer o reator nuclear, que forneça energia e que melhore o bem-estar de uma nação. Podemos usar este conhecimento também infelizmente para a produção de uma bomba atômica. Agora decidir lançar uma bomba sobre um determinado contexto bélico de luta política envolve obviamente uma decisão e uma questão ética, uma questão moral. Então cada um desses espaços a partir daquele primeiro que é a utilização do conhecimento propriamente dito, envolve decisões de pessoas e de grupo de pessoas que repercutem sobre os outros. Portanto, a geração a aplicação do conhecimento soa susceptíveis de avaliação oral. Na pratica a efetiva separação do conhecimento, relativamente a suas aplicações, é muito difícil de nos imaginarmos. A busca do conhecimento cientifico se dá tipicamente no contexto complexo em que muitos fatores podem interferir. Então nós não podemos pensar a ciência a partir da primeira perspectiva desligada de sua pratica e obviamente não podemos por extensão não podemos pensar na ciência fora do alcance das questões éticas e das questões morais. E como que se dá esse contexto e aplicação da ética e da ciência quando se pensa especificamente na pesquisa cientifica. Aqui nós temos uma grande novidade no que diz respeito a pesquisa cientifica que envolve ciências humanas e ciências sociais e que a partir do ano de 2016, mais especificamente a partir de abril desse ano tivemos uma resolução do conselho nacional da saúde que regulamente as pesquisas nas ciências humanas e ciências sociais, trata-se da resolução número 510 de 7 de abril de 2016. Até então as pesquisas nas ciências humanas e ciências sociais estavam vinculadas à resolução 466 de 2012, também do conselho de saúde, que era uma resolução que vinculava as pesquisas a um ditrame da área médica, da área biomédica e que também tem queixas por parte dos pesquisadores da área humana e ciências sociais que tinham que se adequar as regras de produção e de avaliação ética da pesquisa cientifica as regras estabelecidas pela comissão nacional de ética e pesquisa que tinha como modelo a pesquisa na área de biomedicina ou pesquisas na área da saúde. Então os pesquisadores da área de ciências humanas e sociais durante muito tempo levantaram esta bandeira para que estivéssemos uma resolução especificamente para pesquisas na área de humanas e sociais. Então eu informo os alunos dos cursos de ciências humanas e ciências sociais da Unisul, da Unisul Virtual, filosofia que trabalha muitas vezes pesquisa na área de educação, o próprio curso de ciências sociais, economia, a própria administração, o próprio direito que faz muita pesquisa envolvendo seres humanos avaliadas por um comitê de ética e esse comitê de ética a própria Unisul dispõe da própria equipe interdisciplinar de professores que avalia a equicidade dos processos metodológicos que são adotados a partir dos instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados e na intervenção da realidade propriamente dita. Então até 2015 nós tínhamos uma resolução vinculada a área medica e agora a partir de 2016 na regulamentação, uma resolução especificamente na nossa área, eu penso que a partir do mês de julho ou a partir do segundo semestre o próprio comitê de ética da Unisul irá promover cursos de capacitação para professores e alunos pesquisadores que querem submeter os seus projetos à avaliação do comitê de ética, e agora sim dentro dessa perspectiva das ciências humanas e sociais. Então voltando aqui ao ponto, a ética no direcionamento da pesquisa cientifica é possível afirmar que há uma dependência direta ou indireta de praticamente todo o conhecimento cientifico relativamente as decisões tomadas pelos cientistas quer individualmente quer em grupo. Então as pessoas que de algum modo participam dessa cadeia complexa de decisões estão, portanto ao alcance das imputações morais que eventualmente resultem no conhecimento científico gerado. Portanto fazer ciência é especialmente nos dias de hoje uma atividade carregada de imputações éticas. A ciência não é, portanto uma pratica institucionalizada isolada do resto da sociedade, os rumos das pesquisas cientificas não são ditadas pelo próprio saber cientifico, mas muitas vezes por pessoas e instituições com interesses diversos. O último ponto da minha fala gostaria de pontuar algumas questões sobre a ética, a formulação e a avaliação das teorias cientificas. O problema que se coloca é o processo de avaliação e formulação das teorias cientificas consiste numa tarefa exclusivamente cognitiva e epistemológica quando se avalia, quando se faz uma crítica as teorias cientificas, essa ação de avaliação, de crítica, envolve apenas uma questão epistemológica, cognitiva, eu penso particularmente que não, isso eu já de imediato apresentando a resposta a cerca desta questão problematizadora. As implicações étnicas do contexto em que as teóricas são avaliadas e formuladas com consequente aceitação ou objeção muitas vezes não estão visíveis e não é comum fazer esta avaliação de teorias cientificas, não é uma coisa rotineira, isso se dá muitas vezes com os próprios movimentos históricos, a avaliação, a reformulação de teorias científicas. Mas é importante frizar que o cientista é um indivíduo imerso num contexto que naturalmente pode no caso esse contexto influenciar aquilo que ele investiga, no que se investiga. Além disso, o contexto pode influenciar no como os processos metodológicos, de como se investiga, na concepção das teorias que movem onde os cientistas vão durante esse buscar as suas fundamentações teóricas e filosóficas, então o contexto pode influenciar também nessas concepções teóricas, o contexto pode influenciar nos critérios que são usados na avaliação das teorias cientificas. Essa é uma questão bem pouco discutida no âmbito da ciência e sua complexidade desenvolve fatores psicológicos muitas vezes difíceis e explicação e de análise subjetiva. Então sabe-se que na história e mesmo que na filosofia da ciência, estudos revelam principalmente a partir da segunda metade do século 20 que as teorias cientificas não são imunes as influências externas, talvez podemos falar aqui de questões de ideologias políticas, de interesses econômicos, de dogmas religiosos, de preconceitos metafísicos, etc. Então assim esse é o meu ponto de vista, decisões tomadas pelos cientistas não devem ser avaliadas puramente pelo ponto de vista epistemológico, mas também no ponto de vista ético. Penso também que a visão dogmática, aquela que não permite o questionamento, há certas perspectivas epistemológicas, metafísicas, politicas, ode levar a propostas teóricas, penso eu, inadequadas, ou mesmo nocivas, ao impedir que propostas razoáveis que não se enquadrem nessas teorias dogmáticas recebem a devida conspiração cientifica. Por outro lado, a imparcialidade perfeita na formulação e exames das teorias cientificas é difícil de serem implantadas, pode ser considerada por muitos uma utopia com mito. Por último para encerrar a minha fala, eu só gostaria de sugerir para os nossos alunos, o texto do filósofo frankfutrtiano Weber Marcuse, a responsabilidade da ciência, um texto escrito em 1966 sobre uma conferência que o próprio Weber Marcuse fez na Universidade da Califórnia. Então o Marcuse, num dos trechos desse texto afirma: “A ciência, isto é, o cientista, é responsável pelo uso que a sociedade faz da ciência, o cientista é responsável pelas consequências sociais da ciência, não existe muros entre o mundo da ciência e o mundo da política e sua ética, o reino da teoria pura e o reino da prática pura, existem apenas um muro no qual a ciência, a política, e a ética e a teoria e a pratica estão inerentemente ligadas”. Estas são palavras do Marcuse. O cientista já não é o pesquisador dissociados, isolado, já se tornou o esteio das políticas e das instituições estabelecidas. A ciência literalmente abastece a economia e a medida em que a ciência parte da base da sociedade que ela toma o poder material. Para finalizar então essa fala, finalizando o texto de Weber Marcuse, fechando então com a citação dele: “A ciência com um esforço humano continua a ser mais poderosa arma e o instrumento mais eficaz na luta por uma existência livre racional”. Esse esforço estende-se para além do estudo, para além do laboratório, para além da sala de aula, e visa a criação de um ambiente tanto social quanto natural, no qual a existência pode ser libertada de sua união com morte e a destruição. Tal libertação não será um objetivo externo ou subproduto da ciência, mas antes da realização da própria ciência. Passo a palavra então para o professor Carlos e fico a disposição depois para o debate.

Carlos Euclides: Muito obrigado professor Leonel. Bom, então vou fazer agora a minha parte, vou aproveitar uma dica do professor Leonel, que em parte da sua fala, lembrou a insignificativa influência das áreas médicas nas discussões de ética, nos conselhos principalmente no campo da relação de ética e ciência. É interessante lembrar isso porque foi um planejamento dessa fala que eu fiz, a princípio eu pensei a começar a falar da bioética, sua origem, as principais correntes, etc, e depois focar principalmente numa perspectiva que é a ética dos animais, está inserida dentro de uma das concepções relativas a bioética, embora não só a esse campo. Ao começar a rever alguns escritos de um dos principais divulgadores dessa perspectiva da ética dos animais, o australiano Peter Singer, eu me deparei com um monte de outras coisas e aí o recorte ficou muito grande e eu procurei enxugar para essa fala, mas como o professor Leonel apresentou algumas perspectivas, é interessante inserir mesmo que brevemente essa questão da bioética. A área de bioética é uma área bem recente como estudo, na realidade como área de estudo institucionalizada. Ela nasce na década de 70 do século passado, por volta mesmo de 1970, nos Estados Unidos e é levada principalmente de questões relativas a pesquisas com vacinas, com doenças, etc, numa comissão que foi levada pelo congresso dos Estados Unidos na época que se deparou com o uso de pessoas de classes menos privilegiadas ou de etnias discriminadas como a gente para esse tipo de pesquisa, vamos chamar de cobaia. Isso evidentemente por se tratar de seres humanos se torna mais forte e num momento levou a uma série de discussões que geraram discussões nos Estados Unidos, aí por volta de 1970 fundando também perspectivas diferentes que falam de uma ou duas figuras principais que dão a origem da bioética institucionalizada, um como primeira a utilizar o termo e o outro como primeiro a tomar isso dentro de um currículo como uma disciplina universitária. Então siso na década de 70. Em função disso muitos grupos de discussão procuram exatamente uma perspectiva um pouco diferente dessa que o professor Leonel explanou, pelo menos nos estados Unidos e suas origens, é incluir nesses comitês que discutem questões éticas, no caso de uso de seres humanos em pesquisas biomédicas, pessoas que não são da área médica, para evitar exatamente esse foco excessivamente biomédico. Num primeiro momento predomina até a década de 90 mais ou menos, do século passado, uma perspectiva que a gente chama de principialista, que tem ainda um forte vínculo com as áreas biomédicas. Algumas discussões, aí posteriores que põe em cheque por questões do tipo quais princípios devemos levar a priorizar em detrimento de outro, priorizar esses princípios, o princípio da vida, é um princípio universalmente aceitável, haveria outro princípio que poderia suplantar o princípio da vida, e etc e vimos essas discussões sobre eutanásia e etc, que são as discussões que levam as vezes à alguns grupos verem os Peter Singer como uma pessoa nazista ou algo do gênero, há quem pense assim deste filósofo moderno da ética contemporânea. Então, nessa linha de contrapontos de perspectivas que se contrapõe ao principialismo, se desenvolve a ética utilitarista de punho consequencialista, e o Peter Singer com a vertente (ele não trabalha só isso) mas como a vertente da ética dos animais. Nós temos também outras perspectivas, as discussões por exemplo sobre os movimentos antimanicomiais, contra os depósitos de pessoas ou uma certa imagem que a sociedade ainda tem sobre o louco e a loucura, um dos grandes expoentes para discutir isso é Foucault, existe outros mas um desses grandes expoentes. E outros como os movimentos partidários sobre questões raciais e discussões étnicas e de gênero, da questão do feminino e das questões raciais, e hoje não só do gênero feminino, surge a questão dos direitos das mulheres, mas hoje em dia nós vemos mais alardeado tem os direitos de outras posições sexuais que não só masculino mas feminino, o que nós chamamos geralmente de questões de gênero. A minha irmã por exemplo é especialista em história na área de gênero. Então esse é um apanhado geral daquilo que envolve a questão da bioética. Passarei agora a discutir mais questões ligadas a ética dos animais. Pode parecer um pouco estranho o termo ética dos animais, afinal de contas nós não vemos por ai um bicho carregando cartazes ou fazendo algum tipo de revolução reivindicatória dos seus direitos, no entanto há a utilização desse termo. A ética dos animais, principalmente a vertente Peter Singer, tem sua origem na modernidade, nós podemos dizer que alguns aspectos daquilo que é proposto da revolução francesa e na perspectiva da independência dos Estados Unidos principalmente quanto a questão da igualdade, são elementos chaves para o pensamento da origem. Nessa linha de raciocínio podemos encontrar também já autores do renascimento como por exemplo, Montaigne, uma visão diferente dos seres não humanos em relação aos seres humanos, não estabelecendo propriamente uma hierarquia de base aristotélico cartesiano onde há o primado da razão e da linguagem dá ao homem ou ao ser humano direitos diferentes de outros animais, e nesse sentido privilégios em relação a esses outros animais. Já na origem do utilitarismo nós podemos pensar por exemplo Benton do século 18, encontramos alguns textos que prenunciam ideias de que primeiro há a libertação dos escravos, já que também são perspectivas abolicionistas depois das mulheres e depois no futuro breve também os próprios animais, Então já há um apontar ainda no século 18 para essas perspectivas. Perspectiva essa que é retomada na década de 70, vejam como é contemporâneo a própria origem ou a própria institucionalização como disse Plinio como disciplina estudo da bioética essa temática contemporaneamente. Então, qual é a base do utilitarismo clássico? A base do utilitarismo clássico nós podemos dizer que remonta historicamente o campo da filosofia a uma filosofia do tempo helenístico que é o epicurismo. Há muitas proximidades entre algumas perspectivas do epicurismo e da questão ética do utilitarismo principalmente pelo utilitarismo se basear, nos aspectos como o sofrimento a dor e o prazer. Então temos que a base do utilitarismo, a base clássica de Montaigne Benton é minimizar a dor e o sofrimento e maximizar o prazer. Evidentemente não se trata de pensar qualquer tipo de prazer isso já havias nas próprias discussões do próprio Picur e nem de acabar totalmente com toda a dor, algumas dores são necessárias as vezes para adquirir algumas coisas, então tudo isso já aparece na perspectiva de epicure que é retomada em outros argumentos na filosofia utilitarista, na ética utilitarista. Peter Singer se coloca no seu livro “A ética Prática” editado, e sua primeira edição em 1979, já se coloca como um utilitarista, diferente do utilitarismo clássico pois o utilitarismo dele que nós chamamos de consequencialista. Porque é um utilitarismo consequencialista? Tem essas questões ligadas a dor e o prazer, se morte que eu apresentei de Benton, aparece ai mas a perspectiva é olhar, valorar uma ação pela sua consequência. Então quanto mais prazer produzido ou benefícios produzir e menor desprazer produzir, a dada ação será boa ou não, poderá ser considerada ou não. Nessa perspectiva os comentadores no geral de De Cintia, que ele é um autor que alarga o ideal de igualdade dessas duas perspectivas conhecendo os princípios da revolução francesa, igualdade, liberdade e fraternidade. Ele alarga esses ideais a medida que ele, o ideal de igualdade deve ser utilizado não só para seres humanos mas também para seres não humanos particularmente para seres sem cientes, logo a base não é mais uma base racional é uma base sensorial, mas até com bastante coerência já vem de um utilitarismo frente a uma corrente empirista. Então nesse sentido já que a gente não deve produzir sofrimento a gente também não deveria produzir sofrimento em outros seres que não apenas que não são humanos, os seres não humanos, afinal de contas nós somos primeiro animais, a definição clássica de Aristóteles é um animal racional, ele faz parte dos animais que diferencia dentro desse grupo que são subgrupos que acabou levando a certas pretensões. Por termos um determinado tributo, esse atributo deve ser pra nós um privilégio em relação aos outros seres, a resposta dele é não. Esse movimento que a gente vê hoje na televisão, em algumas reportagens, pessoas reivindicando os direitos dos animais, evidentemente tem suas implicações. No Brasil data de 2008 uma lei 11794 procura regulamentar as práticas de pesquisa cientifica com animais derivadas dessas leis, normativas dos anos seguintes. Lembrar também que é da década de 70, 1978 que é proclamada a declaração universal dos direitos dos animais e em 1989 nós temos a proclamação dos direitos dos animais que evidentemente os próprios títulos indicam é um prolongamento, um alargamento dos chamados direitos humanos e agora nos restringe mais a humanos, certamente influenciado por essas correntes ligadas a este debate. Um conceito importante que Senger toma de Richard Reilly é o conceito de especismo, o que que é o especismo? Tem um parentesco bem grande para vocês entenderem com a noção de racismo, então, nós hoje em dia, vemos o racismo como algo antiético, antes não era comum em outras épocas da história, lembrar por exemplo se a gente quiser ir à origem das nossas ideias de civilização de cidadania e tal a gente encontra lá na Grécia antiga quando surge a ideia de que os homens são iguais perante a lei, mas numa sociedade como por exemplo Atenas onde a democracia gera essas discussões principalmente, há um número exorbitante de escravos, alguns calculam mais ou menos entre 6, uma média de 6 a 10 escravos por cada cidadão. Então parece um pouco pra nós, hoje em dia parece para nós um contrassenso numa sociedade que começa a discutir questões de liberdade, de igualdade, etc e ter um setor que seja tratado como não humano, uma sub-raça. Salvo alguns ultraconservadores que aprecem que estão em vogas do mundo contemporâneo, a ideia de que a descriminação racial é antiética é relativamente aceita no mundo contemporâneo parece um escândalo. Ora, pergunta de Perter Senger e outros autores: “Se outrora pra essa perspectiva do racismo foi assim, isso foi transformado, porque nós não podemos pensar em argumentos semelhantes para os seres outros seres ser cientes que não apenas os seres humanos. Quando você usa, então aqui, fazendo o paralelo com o racismo, quando você usa uma raça ou quando você usa uma espécie e da privilégio a essa espécie em detrimento de outro, você teria aí então um especicismo, Singer então é contrário ao especicismo, que seria usar essa ideia de que o homem é superior, por atributos tais como a razão e a linguagem, dois atributos que por sinal algumas pesquisas científicas em alguns capítulos do Singer indica isso, algumas perspectivas científicas indicam que são categorias um pouco problemáticas a alguns animais não humanos teriam capacidade de produzir linguagem em uma linguagem muito mais sofisticada até do que as linguagens humanas identificando inclusive o grupo a partir dessa linguagem, e indivíduos do grupo, especificidade de indivíduos dentro do grupo. Alguma coisa que a gente podia dizer com algumas aspas “Identidade”, assim como nós temos para os indivíduos em campo dos seres humanos. Nessa perspectiva, Singer também pode ser denominado um abolicionista, partidário do abolicionismo, ai novamente o termo alargado tem uma analogia com a questão escravocrata. E nessa perspectiva Singer defende a redução se não a eliminação já que em alguns aspectos isso seria difícil, mas a redução significativa do uso de animais em pesquisas cientificas. Algumas perguntas que se faz: Faz sentido a gente manter laboratórios, por exemplo, de psicologia, ratinhos nos quais a gente dá choque e fica fazendo sofrer? Se isso já foi uma experiência repetida à séculos já, já tem mais de um século, por repetição, e que traz sempre o mesmo resultado, então pra que você levar sofrimento a esses seres sem cientes em larga escala, pra comprovar algo que já foi largamente comprovado, e também se fosse isso necessário fazer em 100, 200, 300, basta fazer em um, filmar com as tecnologias contemporâneas e passar para as didáticas, hoje muitas universidades se vocês pegarem aí vídeos no youtube sobre a questão da ética, da pesquisa animal nas universidades vocês vão encontrar que muitas universidades tem normas que proíbem os professores a trazerem os animais para fazer dissecações, então temos um vídeo que fazem isso visualmente e cumprem a função demagógica, talvez em algumas pesquisas mais específicas isso não seja necessário, o uso de animais. Ainda sim esse uso tem que ser regulamentado para minimizar o sofrimento humano, que a tese é menor sofrimento, o sofrimento é um elemento significativo no campo da ética utilitarista e consequentemente na ética consequencialista do Peter Senger. Derivado disso então temos essas legislações, não são tão pesadas as legislações, nós temos alguns movimentos que inclusive invadem laboratórios, soltam animais e etc, isso chaveou algumas reportagens sobre isso recentemente. Outro conceito interessante em síntese que ai esse traz uma polêmica, bastante polêmica, é o alargamento da noção de pessoa, então ele prefere substituir seres humanos por pessoa, porque segundo ele o conceito de pessoa implica inconsciência de uma certa memória de coisa, percepção de uma situação e parece que muitos animais, particularmente os primatas, os mamíferos, e alguns outros tem essa capacidade de memorizar essas situações de movimentos, e bom vamos por exemplo prático, qualquer um que tenha um animal de estimação, um cachorro, um gato, sabe , o meu por exemplo, a menina que dá a vacina a veterinária aparece com o seu carrinho ele se esconde, sai correndo, quando é outro carro ele corre pro portão pra ficar latindo então não precisa ser um grande cientista pra identificar que aí há uma memória, uma condição de sofrimento, ou alguma coisa que, então ele tem essa capacidade de prever e nesse sentido além da própria notoriedade que leva a ele a uma consciência do espaço certo, ele tem sim uma certa consciência e mecanismos de memórias que devem ser então respeitado, então isso produz nele um certo pavor, veja-se aí a aberração recente, da onça morta por ne, então essa é uma questão que o Peter Senger se pergunta: “Nós temos direito de fazer outros seres sofrerem pelo simples prazer da espetacularidade do mundo contemporâneo ou por fazerem por exemplo coelhos ficarem cegos para usarem maquiagem ou ficar mais bonitinhos etc?” e que no dia isto é ético. E aí como a gente pode pensar que isso é ético a partir do alargamento dessas missões de pessoa, de igualdade, e numa ética baseada nessas perspectivas mais na linha sensorial e não racional, meramente do privilégio da razão em detrimento de outros. Retomando só uma coisa para fechar lembro que eu falei a razão, geralmente é a razão a produção da linguagem, mas muitos outros autores inclusive alguns que a gente toca no material didático da unidade de aprendizagem teoria do conhecimento indicam que animais produzem linguagem, é uma ideia de que racionalidade e linguagem a coisas apenas pro se humano é algo derivado dessa vertente clássica aristotélico cartesiano, Decartes principalmente vê os outros animais como fossem maquinas, não é apenas isso nesse sentido não teriam percepção de dores, etc. Como eu falei basta a gente ter um animal de estimação para perceber que não é bem assim. Nessa perspectiva de indicação de pessoa e da questão sofrimento vem essa ideia de que a vida não vale uma vida com sofrimento, e daí as polêmicas derivadas sobre a questão da eutanásia principalmente quando se fala, é fácil falar de eutanásia a seres não humanos, mas fica mais complicado novamente, parece que aí continua havendo especismo quando se fala de eutanásia para seres humanos e no geral é por causa dessa perspectiva em defesa da eutanásia em algumas situações que assim é acusado como alguém que pode apontar para uma perspectiva totalitarista ou nazismo, inclusive parece que até bem pouco tempo, não sei se recentemente, mas ele era proibido de palestrar na Alemanha. Pra você verem comigo o rumo dessas questões. Então fiquem ciente de que vocês, ser alguns de vocês, particularmente aqueles que vão trabalhar com pesquisa, se envolverem não só com pesquisas de seres humanos como foi apontado pelo professor Leonel, tem normatizações recentes, mas também tem algumas outras normatizações mais antigas do que essa aí de 2013, essas pessoas tem que procurar nos conténs, elas precisam apresentar determinadas declarações de responsabilidade de uso tanto quanto com animais humanos e não-humanos, então é importante que vocês vejam isso. Há normas, embora o Peter Senger vê o valor das normas, ou seja, numa ética mais demontológica onde a questão da normativa é mais importante do que o sujeito ou a consequência, mas ele visualiza que não basta a gente discutir os direitos, ter direitos, que grandes transformações quanto as questões éticas desses casos dependem muito mais da consciência e da responsabilidade das pessoas do que propriamente coerção por legislação. E por outro lado a gente sabe também que há a Lei posterior aos movimentos reivindicatórios e esses movimentos reivindicatórios dependem evidentemente da consciência, do alargamento da consciência das pessoas, e talvez esse seja um grande papel da ética nos diferentes campos e aqui em particular no campo da relação entre ética e ciência. Quem estuda um pouco da história da ética visualiza, voltando a questão do absolutismo, de que essas reflexões sobre as atitudes morais têm levado a o longo do tempo a um alargamento que deve produzir mais igualdade, mais direito, mais felicidade, mais bem estar entre as pessoas. Bom, algumas das recomendações, parte de algumas ideias principais que eu rebobinei vem do texto da professora Sonia Teresinha Felipe, que é uma das mais importantes, talvez no Brasil, e que começa já na década de 90 do século passado a defender e estudar este autor, esse texto dela é publicado na revista filosófica de Lisboa em 2001, Da igualdade Peter Senger e a Defesa da Ética contra os animais contra o especicismo. Ela também tem publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina, um pouco mais recente essa publicação de 2014, Ética e experimentação animal, deriva especialmente dos seus estudos, não só, entre outros, dos seus Pós-Doutorado, na Universidade de Coimbra. O livro do Peter Singer, que já tem uma produção já há um bom tempo em português, Ética prática. Eu visualizei que em 2011 saiu uma outra obra que é interior a esta, publicada em 1975, Animal Libertate, Libertação dos Animais, uma tradução em português saiu em 2011, então talvez seja a principal obra do Singer sobre a questão dos direitos dos animais. Eu recomendo também para aqueles que estão bem no início a lerem esse da coleção primeiros passos, que é bioética, apresenta aquilo que eu falei no início da minha fala sobre as origens da bioética etc, e tem também um capítulo que apresenta a perspectiva do Peter Singer entre outros. Então eu passo agora a palavra ao Luiz.

Luiz Henrique: Bom, tenho a sensação de que já falaram tudo e não sobrou nada pra eu falar, e de fato algumas dos tópicos que eu selecionei para comentar na minha já apareceram nas falas do professor Vilson e do professor Carlos, então eu vou tentar não ser repetitivo e logo vou procurar ser breve naquilo que eu preparei para expor aqui. Diferente do professor Carlos e o professor Vilson, minha formação inicial não é em filosofia, é em ciências sociais, letras, depois nas áreas de tradução e linguística, mas em fim, eu venho das ciências humanas igualmente e já me detive muito tempo na área de epistemologia e principalmente sobre o debate da modernidade e pós modernidade, e eu acho que com isso é inevitável que eu tenha em algum momento da minha formação me deparado com questões que envolvem ética e ciência e acho que eu posso trazer alguma contribuição para esse debate. Bem, eu intitulei a minha participação da seguinte maneira: A ética na pesquisa após o declínio do império da razão. A minha fala vai se dividir em três tópicos: o primeiro deles se intitula a Ânsia do controle total motivada pela ciência moderna, o segundo tópico se intitula As consequências desastrosas do império da razão e o terceiro tópico com os efeitos e consequências éticas para a ciência da contemporaneidade. Bom, o que eu quero dizer com o império da razão? Os professores, Vilson e Carlos já mencionaram aqui, acho que mais uma vez a revolução francesa é fruto do iluminismo, nesse momento de revolução ideológica pela qual especialmente a Europa passou, que era uma reação ao chamado antigo regime. E o que é o antigo regime? Acho que provavelmente muitos de vocês que estão assistindo, esse nosso seminário tem conhecimento sobre mas vale a pena lembrar que o regime é o nome dado para caracterizar toda a ordem política, econômica e ideológica que vigorava antes da modernidade, e essa ordem funcionava sob o império da fé e sob o império de [idiossincrasias](https://www.google.com.br/search?q=idiossincrasias&spell=1&sa=X&ved=0ahUKEwi7gb2C7rfPAhXHiZAKHYxJDqwQvwUIGygA) de governantes e justamente esses pontos que são atacados, primeiro pelo renascentismo, depois pelo iluminismo que se incluem nesse grande processo de evolução ideológica que desembocou na revolução científica. Os iluministas por exemplo diziam que, eles rejeitavam absolutamente qualquer autoridade externa que não fosse a razão. Isso é emblemático porque reconhecer a razão como uma autoridade máxima já nos diz um pouquinho sobre as consequências que um pensamento radicalmente racional poderia trazer para a humanidade. Então tentando contextualizar a grosso modo o que se entende por império da razão, é isso, é essa supervalorização da razão em relação a qualquer outro imperativo das ações humanas. E bem, sabemos que muitas consequências dessa revolução científica oi, por exemplo, a revolução industrial. A ciência, com todos os seus atributos, possibilitou um desenvolvimento dessa tecnologia jamais visto na história da humanidade e que causou uma série de transformações no mundo, como o professor Vilson comentou no começo de sua fala, a ciência ela pode mudar a nossa capacidade de agir, não é possível simplesmente o saber pelo saber a ciência pura, e isso se mostrou verdadeiro sobretudo nesse momento, em que a ciência possibilitou meios de mudança massiva na realidade concreta. Esse elogio extremo, essa submissão radical a razão levou os cientistas e toda a modernidade de uma forma geral a ter uma certa crença cega no poder da razão e na correção das ações racionais que levaram, como vocês podem imaginar há algumas consequências desastrosas, algumas delas o professor Vilson já comentou aqui, nós falamos, o senhor Vilson comentou por exemplo da bomba atômica, e bom, vou até aproveitar para retomar algumas partes da fala como por exemplo o que o professor Vilson comentou aquela fala do Marcuse, em que diz: o cientista é responsável pelo uso que a sociedade faz da ciência. Não é à toa que Einstein se arrependeu extremamente de ter revelado as suas descobertas sobre a física atômica. E esse profundo pesar que ele sentiu revela essa responsabilidade ética que os cientistas tem. E bem, essa ânsia de controlar o mundo, de dominar a natureza tipicamente moderna que caracteriza o principal efeito da revolução científica, levou, como eu já disse então a consequências desastrosas, uma delas, posso citar vários campos aqui na ciência. Na física nós falamos da bomba atômica, catástrofes nucleares também, nós conhecemos a catástrofe de Chernobyl por exemplo. Na era da biologia podemos citar aqui a eugenia, a ciência é patrocinada por Hittler durante o nazismo que visava construir, biologicamente falando, uma raça perfeita. Continuando um pouquinho ainda no âmbito do nazismo, a gente pode citar nas ciências humanas o próprio totalitarismo, como um fruto também de uma certa inconsequência cientifica da intervenção na realidade. Na química podemos citar muitas coisas, os agrotóxicos, que transformaram em larga escala o meio ambiente e inclusive o regime de produção de alimentos no mundo, enfim, não é possível sequer mensurar todas as consequências que isso trouxe, efeitos na camada de ozônio também podemos mencionar, entre muitos outros. Todas essas consequências que eu estou citando são consequências que mostraram ao longo do século vinte, desde o seu início ali, um pouco mais longe, no século 19, mais no século 20. Eu mencionei aqui nazismo porque no é a toa que a segunda guerra, a primeira e a segunda principalmente, são sintomáticas no sentido de mostrar o auge dos efeitos nocivos do império da ração patrocinado ou pelo menos alicerçado pela ciência moderna, e não é à toa que após, o período pós guerra também é emblemático porque mostra um profundo momento de reflexão da humanidade em relação as consequências éticas desse império da razão suportado pela ciência, não é à toa então que a bioética surge nesse momento, não é a toa que comissões, conselhos de ética passam a ser sistematicamente gerados no mundo todo e passam a ser obrigatórios. Então esse momento do pós guerra ele representa um momento bastante ilustrativo em que não só a comunidade científica mas toda a humanidade que depositou muitas esperanças na capacidade brilhante de dominar e corrigir o mundo que a ciência parecia prometer, um momento de reflexão porque viram que isso não era possível, e o momento de reflexão profunda é que trouxe para a prática científica, a prática da pesquisa, alguns cuidados categóricos, que não podem ser jamais evitados pela mais inocente pesquisa científica que seja. Ah eu vou pesquisar alguma maneira de melhorar a superfície dessa mesa aqui, mas a mais inocente pesquisa pode ter efeitos éticos, então esse cuidado que se impôs a prática científica, após todas essas experiências desastrosas ele não pode jamais ser evitado. E nós temos, num ponto de vista histórico explicações muito claras pra isso. O professor Carlos mencionou assim, que inclusive os ultraconservadores estão em voga neste momento, e essas tendências conservadoras também parecem sinalizar para nós um certo relaxamento em relação a esses cuidados éticos que se impuseram a prática científica após esse período catastrófico, por décadas nós fomos muito disciplinados em relação a respeitar princípios éticos por mais inocente que parecesse ser uma pesquisa. E prece que agora as pessoas naturalmente, a humanidade parece ter memória curta e parece sutilmente produzir discursos de negligencia a questões éticas. Para não parecer que eu estou falando de coisas abstratas e muito etéreas posso citar alguns âmbitos da ciência atualmente, mas a robótica, os avanços da robótica têm feitos nas últimas décadas? Podem levar a certas consequências que por exemplo a ficção científica já anunciou e vem anunciando a muito tempo, isso não é brincadeira. E quando um cientista da área da robótica faz uma descoberta, pode ter uma consequência absolutamente catastrófica, ele tem que pensar 100 vezes antes de divulgar essa descoberta. Era isso que o professor por exemplo Vilson, eu imagino, se referia quando mencionava que o cientista é responsável pelo uso que a sociedade faz da ciência. Não dá para você falar: “não fiz uma descoberta simplesmente e ta aqui, não fui eu que criei essa arma, não fui eu que criei isso aqui, não fui que” não, você sim é responsável por isso. Quando eu mencionava Einsten agora a pouco, sim você é responsável por isso, você divulgou e você sabia do potencial que isso tem, não adianta você falar depois que você não tinha culpa. Se você fez uma pesquisa que mexeu com seres humanos, e depois essa pesquisa causou consequências morais, assim, danos morais nas pessoas, você é totalmente responsável por isso. Com os animais nem se fale, que têm absolutamente fragilidade em relação aos nossos poderes. Posso usar também a área da neurociência, que fez avanços gigantes nas últimas décadas, o exército americano por exemplo já desenvolveu várias versões de um capacete que emitem comandos através de sinais elétricos, ou seja, eles não precisam nem mais uma ordem por som para os soldados, simplesmente aperta o botão e esse botão faz os soldados atirar usando uma arma por exemplo. Faz ele virar para direita, caminhar pra cá e pra lá, isso já existe. Então quem descobre os meios pelos quais a indústria gera esses artefatos, é responsável pelas consequências deles também. Bem, já to avançando aqui no terceiro tópico aqui que eu tinha selecionado que eram os efeitos e consequências éticas para ciência da contemporaneidade. Com isso eu quero dizer que os desastres, as catástrofes causadas como efeito do império da razão suportado pela ciência moderna geraram consequências éticas, são as que eu já mencionei aqui. Aliás, vale a pena mencionar também para não ficar somente num plano superficial algumas referências como o professor Carlos fez, mas uma referência muito interessante que eu gostaria de mencionar é um autor inglês, um pensador inglês chamado Anthony Giddens que escreveu a modernidade reflexiva e ele mostra que a modernidade se caracteriza por ânsia absurda de reinventar tudo a todo momento. Então eu olho para esse livro e falo: “o que é um livro? “e eu começo a refletir sobre o livro e daqui a pouco isso aqui não é mais um livro. Isso é tipicamente moderno, e essa característica fez com que a gente destruísse tudo o que parecia sólido. A própria obsessão técnica da modernidade revela um pouco isso, nada se sustenta, tudo está sujeito a ser reinventado, etc. As consequências das normas da comunidade são frutos disso. Mas ele vai dizer também que nós podemos usar essas características da modernidade como antídoto para ela mesmo, então assim como nós pudemos usar as virtudes, ou melhor, esse potencial da ciência moderna para produzir agrotóxico e destruir o meio ambiente. Nós também podemos usa a ciência moderna para reverter esses efeitos. Nós podemos usar também a robótica para reverter efeitos que armas militares, por exemplo, já causaram. Então não está perdido, o que não pode deixar de estar sempre em primeiro plano. Na prática científica é essa necessidade de pensar mil vezes na consequência de uma descoberta que nós vamos fazer. De pensar mil vezes nas consequências também o que os meus métodos podem causar para os sujeitos envolvidos na minha pesquisa, é de pensar mil na consequência que a minha pesquisa pode causar na minha comunidade, no meu entorno e nas pessoas que vão fazer uso dela. Então eu acho que, olhando de um ponto de vista histórico fica muito claro o porquê implicações éticas são incontornáveis numa prática científica. Acho que era isso, não gostaria de me estender muito, espero que a minha fala tenha contribuído para enriquece no debate.

Carlos Euclides: Obrigado Luiz. Então vamos para o nosso bloco final fazer o fechamento, recebemos uma pergunta até o momento. A pergunta foi dirigida mais especificamente ao professor Carlos que sou eu, depois de responder a perguntar evidentemente vou deixar alguma provocação para os colegas fazerem aí um arremate final. Então pergunta a Ioná Martins França, estudante de odontologia. “Eu gostaria que o professor Carlos falasse brevemente sobre a sua opinião relacionada a bioética em odontologia”. Bom Ioná, no campo da medicina em geral é importante a gente pensar as relações entre médicos e paciente, o odontólogo que a gente vulgarmente conhece como dentista, só usando aí uma palavra mais comum, faz parte deste relacionamento. Eu vou lembrar aqui um dos autores que eu citei naquele campo de linhas contrárias ao principialismo que é o Foucault. Foucault trabalhava bastante essa situação de relação de poder, você tem com o seu paciente uma relação de poder. Veja nessa perspectiva, quando a gente vai há um médico, o médico prescreve alguma coisa lá naquele papelzinho, geralmente a gente não pergunta para ele pra que que serve aquilo, como poderia ter outro, ou quais são os efeitos colaterais e tal, a gente vai automaticamente há uma farmácia, lá tem um outro profissional também da área de biomédica, que é o farmacêutico ou deveria ter, as vezes nem tem, o que é um outro problema ético na venda indiscriminada de medicamentos, e essa pessoa que está no balcão, seja o farmacêutico ou o atendente pega a receita e me dá o remédio, eu pego levo pra casa e tomo conforme as prescrições, sem perguntar se tem efeitos colaterais, e etc. O que faz com que eu tenha essa atitude, subserviente e neste campo há uma questão ética, afinal de contas é um insubmento há uma outra pessoa que parece que o fato de se submeter sem reflexão é também um problema ético. Então há aí uma relação de subordinação, uma relação de poder que tenha trabalhado bastante com Foucault. E mais, essa relação de poder é construída pelo saber, então Foucault vai trabalhar também nessa linha de questões, a saberes que são privilegiados em detrimento de outros, saberes que são marginalizados, ficam subpostos e a saberes disciplinares. Nesse sentido há uma ciência que provoca a disciplina do outro. Para Foucault isso não é necessariamente nem bom nem ruim, cabe a gente entender essas circunstancias para quando essa situação for imprópria, inadequada ou ruim, a gente poder ter discernimento de agir para que não ocorra mais isso, então é uma perspectiva evidentemente clara. Então, aqui já foi dito pelos colegas, as determinadas perspectivas científicas são privilegiadas em detrimento de outras. Isso envolve financiamentos de pesquisas, porque se a gente for fazer um levantamento a gente sabe que aporte financeiro maior em praticamente todos os países do mundo, não conheço registro de nenhum que isso seja diferente, a pesquisa bélica tem o maior aporte financeiro do que as outras áreas da pesquisa. Evidentemente que isso não é um mérito, que derivada de algumas pesquisas bélicas surgiram outros elementos. A gente pode falar do uso da bomba atômica mas depois da divulgação da teoria atômica e tal. A gente tem o capo da medicina e aí no seu campo da odontologia o uso de tecnologias de ponta que impedem hoje que eu retire um dente, recupere praticamente um dente que outrora, aquele chamado porticário que praticamente arrancava. Então, nesse campo é importante que você tenha conhecimento de diferentes perspectivas científicas para se posicionar também quanto aos resultados da sua prática e da sua relação com o seu paciente. A própria indicação para definição de paciente de relação de subordinação implica um sujeito e um objeto, são noções que vem da filosofia e tem aí implicações. Se o seu paciente tem essa atitude, como se fala no geral que a gente tem com os médicos ele é simplesmente um objeto, ele não é sujeito de uma terapia, de u procedimento de cura ou de melhoria da qualidade da sua vida. Então as vezes as atitudes dos médicos sejam de que áreas sejam levam a pensar isso. Quantos de nós já não foi a um médico que oh o médico nem me olhou direito, o cara foi lá tacou o papel e mandou, no mínimo a gente se sente mal, se sente mal produz, vamos ali dentro desta ética totalitarista, um certo tipo de sofrimento, porque é um incomodo, não é um sofrimento físico, é um tipo de sofrimento psicológico, são relações humanas, e não porque a ciência, como foi dito aqui, estão fora das relações humanas, afinal de contas, até lembrando de alguns autores que não gostam dessa noção de ciências humanas, porque todas as ciências são humanas. Novamente os animais não humanos não produzem ciência, então todas as ciências são humanas. Quando a gente diz ciências humanas, as vezes a gente classifica só umas das áreas sócias e tal, então a biologia, a embriologia, a física, a química e tal, a matemática, são ciências humanas porque foram criadas pelos seres humanos, e tem também implicações. Então é bom que vocês estudantes pensem nesse tipo de coisa, você também vai valorá os tipos de tratamento pro seu paciente valorá levando em consideração o que? Os recursos financeiros que esse paciente tem, os aportes tecnológicos que são possíveis oferecerem a ele, e também a quantidade de sofrimento, o tempo que ele vai sofrer porque alguns aparelhos dentários para corrigir geram um grande sofrimento, e se isso vale ou não vale a pena em algumas situações ou se há possibilidade de criar novas tecnologias ou novos aparatos que diminuam o sofrimento dessas pessoas nos processos de tratamento, se a gente pensar nessa ética, nessa perspectiva utilitarista de redução do sofrimento. Então essas são algumas questões que você pode pensar na relação entre bioética e odontologia só para apontar para você. Bom, eu deixaria a critério aqui dos colegas de fazer algumas considerações, mas na fala de alguns eu lembrei de que alguns autores fazem uma distinção entre ciência e tecnologia e põe a responsabilidade do uso na tecnologia e não ciência. Meio com um ideal ainda aristotélico da ciência meio parecido com aquela ideia de filosofia primeira de Aristóteles, saber pelo saber, e a tecnologia ia sempre para o lado mais prático, um dos dois eu poderia, ou os dois trabalhar um pouco isso na medida em que certa parte isso aparece na fala, mas só para gente lembrar que tem ainda posições que procuro separar essas perspectivas. Eu lembrei quando eu estava falando de questões contemporâneas do texto do Rousseau ensaio sobre a arte e ciência, um dia ele escreveu exatamente uma tese contrária ao valor grandioso, exacerbação dos valores racionais da ciência e da arte como salvadores da humanidade. Mesmo assim ele apresenta exatamente essa tese, apesar de isso ter provocado mais males do que benefícios, e outra forma de usar pode fazer corrigir esses males provocados. Só para comentar, um de vocês ou os dos comentasse um pouquinho.

Luiz Henrique: Bem, o professor Vilson já comentou que na antiguidade havia uma pretensa separação entre a filosofia ou essa ciência primeira, essa ciência pura e a técnica, não havia uma reflexividade entre ambas. Eu não vou nem me deter muito sobre a situação na antiguidade, mas a situação na modernidade me parece ser oposta. Me parece que há, embora possamos separar tranquilamente o que tecnologia e o que é ciência, parece que elas são uma consequência da outra. E isso está bem interligado àquilo que o professor Vilson comentou, a ciência ela muda a nossa capacidade de agir e a tecnologia nada mais é do que uma extensão da nossa capacidade de agir. Uma vez que, o meu braço só vai até aqui, e eu invento uma coisa que faz o meu braço esticar até ali, isso tudo é tecnologia. E como é que eu levantei isso aqui, através da ciência. Me parece um pouco desonesto você separar e dizer, não olha a ciência não tem culpa do que a tecnologia está fazendo, sabe, e assim como me parece desonesto o cientista dizer, não, mas eu não sabia que ia acontecer isso. Como nós falamos nesses termos, a gente está tocando em questões cruciais da ética na ciência na contemporaneidade. Então a gente vê lá diversos programas, competições, eu falei agora a pouco de robótica, e um mais avançado e mais humano que o outro e etc e etc. E essa, essa ânsia enlouquecida no avanço da tecnologia acho que tem problemas bastante sensíveis acho que para discussão sobre ética, ciência e tecnologia hoje. Professor Vilson.

Vilson Leonel: Ainda na mira do Marcuse, ele diz que não existem 2 mundos, o mundo da ciência pura, o mundo da própria ciência e tecnologia, existe apenas um mundo em que esses elementos estão inerentemente relacionados e ligados, então só nessa perspectiva. E para encerrar a minha fala eu só gostaria de para os nossos alunos pesquisadores, tanto da área de ciências humanas quanto das áreas de ciências da saúde, que visitassem no portal Unisul lá item, botãozinho pesquisa, ética em pesquisa, lá nós temos assim, informações muito úteis para quem quer submeter o seu projeto de pesquisa à avalição do comitê de ética e pesquisa. Hoje, já no Brasil, uma comissão de ética em pesquisa que cadastra todas as pesquisas que são realizadas com seres humanos, a chamada plataforma Brasil. Então são inúmeros, milhões de sujeitos de pesquisa, e o termo técnico é esse, sujeitos de pesquisa, não são cobaias como o professor Carlos já ainda pouco quis condenar a utilização do termo, então são inúmeros sujeitos de pesquisa no Brasil que participam de vários protocolos de pesquisa, e é importante que o aluno, professor pesquisador, na graduação o aluno não pode submeter por conta própria o seu projeto na plataforma Brasil, e não pode encaminhar por conta própria o seu projeto para o comitê de ética, ele precisa da orientação e do encaminhamento do professor orientador, mas é importante que, pesquisas que envolvem direta ou indiretamente seres humanos, sejam avaliadas pelo comitê de ética em pesquisa que eles sejam cadastradas na plataforma Brasil. A grande novidade como eu mencionei ainda pouco é esta resolução 510 de7 de abril de 2016 que vai regular a pesquisa em ciências humanas de ciências sociais, acredito que a partir do segundo semestre a própria Unisul vai dar cursos de capacitação para professores pesquisadores e alunos pesquisadores dessas áreas para que possam também, digamos assim, construir projeto de pesquisa a partir dessas orientações que são dadas pela resolução 510. Assim eu encerro a minha fala.

Carlos Euclides: Bom, Luiz, não sei se você quer falar alguma coisa.

Luiz Henrique: Só queria falar ali que o professor Carlos falou no segundo ponto, a partir da lembrança do texto do Rousseau, ensaio entre a arte e a ciência, que ele bem no auge daquele momento de evolução científica já alertava para isso, para a questão das próprias virtudes da ciência e das artes podem reverter os seus efeitos, digamos assim, que é a mesma coisa que, ou mais ou menos a mesma coisa que Giddens sugere, e acho que, concordo com isso, mais para complementar esse pensamento, eu acho que não tem volta, não tem como você volta a um estágio em que o mundo não estava transformado pelos vícios desse pensamento, ou pelos vícios da prática científica, não tem volta, então a única volta é de mudar para melhor essa ou de corrigir esses problemas é considerar as próprias qualidades do pensamento cientifico para reparar os problemas causados. Então eu acho que isso é uma espécie de responsabilidade de obrigação que nós que atuamos no mundo do conhecimento temos que levar conosco diariamente quase que como uma profissão de fé que se faz, ou seja, quando nós lá no final do curso fazemos um juramento e em várias áreas esse juramento existe, e esse julgamento ele está envolvido de questões éticas. Só que a gente não pode fazer aquele juramento só naquele momento, tem que se uma prática diária assim, não posso ser inconsequente nos meus atos, então para fechar acho que seria isso.

Carlos Euclides: Então só, que eu lembro de quando eu fazia graduação em filosofia a gente tinha um grupo de vários intérpretes, que além irritar politicamente discutiam suas diferentes áreas e certo dia numa dessas discussões um colega de geografia saiu com a seguinte máxima: todos querem, desejam minimizar os problemas da ciência, mas ninguém quer voltar a pé. Então reflete bem essa ideia, ninguém quer voltar para a origem, para os homens das cavernas ou coisa do gênero, então não era nem isso, voltar ao estado de natureza. Fechando aqui jocosamente, esperamos, eu particularmente, acho que isso pode ser alargado pelo professor Luiz e pelo professor Leonel, que a gente possa fazer outros encontros desse tipo, de algum tema para depois transformar em material para uma WebAula complementar, para esse projeto que a gente está trabalhando que é o envolvimento da unidade de aprendizagem Teoria do Conhecimento.

Luiz Henrique: Todo conteúdo funciona quase que como um diário platônico, três cabecinhas que pensam diferente.

Carlos Euclides: Então gente, obrigada pela audiência, esperamos que tenhamos, que vocês tenham aproveitado e venham a aproveitar aqueles que assistirem gravado posteriormente.